

A tarefa que o SPD tem pela frente: promover valores comunitários e cosmopolitas

Wolfgang Merkel

FEVEREIRO 2018

Em sua opinião, qual é o posicionamento histórico do SPD no sistema político alemão e onde ele se encontra atualmente? Este é certamente um ponto de inflexão interessante.

A abordagem sobre o posicionamento histórico do Partido Social-Democrata da Alemanha (SPD, na sigla em alemão) depende do quanto voltarmos no tempo. Em um olhar breve, retrocedendo aos primeiros dias da República Federal após a Segunda Guerra Mundial, encontramos uma democracia social que teve um início moderado em termos de sucesso eleitoral. Depois, o partido guinou para a esquerda na década de 1950 e se confinou em uma chamada “torre de 20%” ao se apresentar com um discurso anticapitalista. E ele mudou novamente em 1959, quando abandonou a terminologia marxista com o programa de Bad Godesberg¹.

Durante os dez anos seguintes, o

1. Manifesto que marcou a mudança de orientação política e ideológica do SPD na segunda metade do século XX. [N. do T.]

SPD foi crescendo cada vez mais como força opositora, até se unir à primeira grande coalizão com o CDU/CSU² em 1966. Três anos depois, formou uma coalizão bipartidária com os liberais. Somente em 1972, quando Willy Brandt estava no auge de sua popularidade, é que se tornou o partido mais forte. O SPD só pôde repetir uma vitória eleitoral semelhante em 1998, após 16 anos de Helmut Kohl no governo. De 1969 a 1982, a Alemanha foi governada por uma bem-sucedida coalizão social-liberal, com a qual o SPD dominou a política do país. Eu considero essa a fase mais social-democrata da República Federal da Alemanha, quando houve um enorme progresso na modernização cultural, social e política de nossa sociedade. Sem dúvida, o Partido Social-Democrata foi a grande força política por trás desse processo.

Mas ele foi um agente reformista

2. Aliança política entre os partidos União Democrata-Cristã e União Social-Cristã na Baviera (CDU e CSU, respectivamente em suas siglas em alemão). [N. do T.]



muito mais forte depois de 1969, durante a primeira fase sob o chanceler Willy Brandt, do que no final da década de 1970 e início da década de 1980, sob um mais pragmático chanceler Helmut Schmidt. Quando os liberais deixaram a coalizão, os sociais-democratas foram forçados a sair do governo por um voto construtivo de desconfiança no Bundestag³. Então, o SPD teve de voltar à oposição. No período seguinte fora do poder, os sociais-democratas não conseguiram se recriar com muito sucesso. Há um antigo mito dentro do SPD, em grande medida infundado, de que os sociais-democratas só conseguem se recuperar e rejuvenescer na oposição. Isso pode ser observado atualmente e também quando Martin Schulz decretou, imediatamente após a derrota eleitoral, que o partido não iria compor nenhum governo.

No entanto, após 16 anos de governo do chanceler democrata-cristão Helmut Kohl, o SPD conquistou novamente o poder em 1998 e formou uma coalizão governante, dessa vez com os Verdes. Foi um momento histórico, já que a primeira coalizão vermelho-verde foi considerada a fórmula de coalizão mais progressista. Eu considero esse um período em que o SPD se manteve, ainda que em certa medida, fiel a seus valores social-democratas. Trilhando a chamada “terceira via”, o partido adotou várias políticas liberais e simpáticas ao mercado.

Aqui, não estou pensando muito na famosa – e infame – legislação de política social e mercado de trabalho do Hartz IV⁴, mas muito mais no que considero uma política fiscal malsucedida. Eles se afastaram muito de seus posicionamentos: reformaram o sistema tributário em claro benefício das grandes corporações e da parcela da sociedade com alta renda. O mais estranho é que as lideranças

políticas do SPD acreditavam no efeito neoclássico de “gotejamento”. Na realidade, suas políticas ampliaram a desigualdade socioeconômica na Alemanha. De uma perspectiva progressista, o saldo governamental foi misto: resultados positivos com relação às políticas ambientais, sociais e de cidadania, mas negativos no tocante a uma política fiscal excessivamente favorável às empresas.

Sete anos mais tarde, em 2005, a coalizão vermelho-verde perdeu por uma margem bem pequena para a chanceler Angela Merkel, e seus integrantes se tornaram parceiros menores em uma grande coalizão que acaba de concluir seu segundo mandato. Depois de 2005, seria possível descrever o desenvolvimento do SPD como uma lenta erosão e declínio. O ponto máximo – por assim dizer – desse declínio foi certamente a última eleição, ocorrida em setembro deste ano, quando o partido obteve somente 20,5% do voto popular.

Como você mencionou, a história do SPD tem sido de declínio. Isso é claramente o caso também – e frequentemente de maneira muito mais pronunciada – de outros partidos social-democratas europeus. Ao olhar para a situação do SPD hoje, quais você considera ser seus pontos fortes e onde você identifica fraquezas?

Se analisarmos o SPD no final de 2017, ele se encontra em algum ponto intermediário da social-democracia europeia. Embora menos bem-sucedido que a maioria dos partidos social-democratas escandinavos, ele tem certamente mais força que os socialistas na França e na Grécia, ou que os sociais-democratas nos Países Baixos, onde os partidos praticamente (ou quase) desmoronaram.

A força do SPD, particularmente em comparação com esses partidos socialistas ou

3. Parlamento alemão. [N. do T.]

4. Programa de ajuda social direcionado a desempregados da Alemanha. [N. do T.]



social-democratas, é que ele possui raízes sociais e organizacionais mais fortes em segmentos definidos da sociedade, com certeza ainda entre os trabalhadores. Mas isso está mudando. Podemos falar sobre isso mais tarde, mas os sociais-democratas alemães têm uma conexão mais forte com os sindicatos e o Estado. Os sindicatos ainda são mais fortes na Alemanha que em muitos países do oeste, leste ou sul da Europa. Assim, ainda que o SPD não pareça estar em um ótimo momento, certamente está em melhor forma que muitos de seus partidos irmãos de Estados vizinhos.

Outro ponto forte estrutural do SPD é sua estreita conexão com o Estado. Mesmo quando atuam na oposição em nível federal, os sociais-democratas costumam manter importantes postos governamentais nos estados (Laender). O SPD tem se saído muito bem em alguns estados. Como participa sempre de alguns governos estaduais, ele nunca perdeu seus vínculos “orgânicos” com o Estado, mesmo atuando na oposição federal. Isso é bem diferente da realidade de muitos dos partidos social-democratas do restante da Europa. Mas devemos excluir desse grupo os países escandinavos.

Portanto, o SPD já provou que pode governar também de acordo com seus valores. Isso foi visto mesmo na última grande coalizão, pelo menos durante os primeiros dois anos, quando os ministérios chefiados pelo SPD apresentaram ótimos resultados. Pela primeira vez, eles introduziram uma lei de salário mínimo, que não é muito alto, é preciso admitir, mas é um importante primeiro passo: 8,50 euros por hora. Agora, o governo precisa aplicar a lei, que não é cumprida de forma plena e adequada por determinados setores da economia, particularmente construção, gastronomia e serviços de alimentação.

O problema enfrentado pelo SPD nos últimos dez anos, de ter assumido um papel mais passivo que ativo em coalizões, fez com que ele entrasse na maioria desses governos de coalizão, especialmente em nível federal, como parceiro menor. O partido pagou um preço alto por isso na arena eleitoral, apesar de apresentar um desempenho aceitável – às vezes até mesmo positivo – no governo. O famoso “bônus do chanceler” sempre foi para os democratas-cristãos.

Por que você acha que isso aconteceu, apesar da implantação bem-sucedida das políticas prometidas? Qual é sua explicação para a falta de benefício eleitoral como resultado disso?

Pode soar muito simplista, mas acho que o partido representado pela chanceler teve uma enorme vantagem em comparação com o parceiro menor do governo, especialmente quando grande parte da população tem uma percepção bastante favorável com relação à atuação do governo. Os socialistas pagaram o preço eleitoral por terem entrado nessas coalizões como o parceiro menor. Há uma falta de imaginação ou coragem institucional nos líderes do SPD, que ainda não pediram uma rotatividade na chancelaria após a primeira metade do período legislativo. Falta aos atuais líderes do partido um desejo maquiavélico de poder que esteve presente sob os chanceleres Helmut Schmidt e Gerhard Schröder. Por que uma “solução israelense” não funciona na Alemanha? Não há nenhuma lei política natural que impeça o parceiro menor de representar o chanceler em grandes coalizões. O SPD não deveria entrar em nenhuma grande coalizão sem uma rotatividade dessa natureza, a não ser que queira cometer suicídio eleitoral.

Deixe-me acrescentar outro elemento. Não devemos nos esquecer que, culturalmente e



em suas estruturas sociais, a Alemanha sempre foi mais conservadora que progressista. Falamos dos anos entre 1969 e 1982, e depois de 1998 a 2005, quando os sociais-democratas governaram o país com um parceiro menor de coalizão. Foram épocas extraordinárias, mas mesmo durante esses períodos, o Partido Social-Democrata, em grande parte, não era o maior partido nacional.

Se você analisar a eleição de setembro passado, em que houve o crescimento da AfD⁵, um partido populista de direita agora também na Alemanha, poderá supor que o que vem ocorrendo há algum tempo em outros países europeus agora alcançou também a Alemanha. Assim, ao analisar as novas dinâmicas no sistema político alemão, onde você vê ameaças particulares ao SPD como o principal partido social-democrata e onde vê oportunidades particulares nessa nova configuração?

Isso soa como a “doença” típica dos cientistas sociais: que eles têm uma visão mais clara dos problemas, dilemas, *aporias* e desafios. Se posso começar com isso, é preciso mencionar que a pluralização ou ampliação do número de partidos no sistema político alemão limitou o espaço político do SPD. Desde 1990, temos o “*Die Linke*” à esquerda do SPD. Eu não o chamaria de um partido populista de esquerda, como outros, mas sim de um partido de esquerda socialista. Temos um partido ecológico, o “*Die Grünen*”, que é bastante forte se o compararmos com os de outros países europeus. E temos agora, desde as últimas eleições, um partido populista de direita no Bundestag. Além do CDU/CSU na centro-direita, o SPD também possui concorrentes progressistas e à direita.

Por mais que isso pareça estranho, acho que esse partido populista de direita representa hoje a maior ameaça à social-democracia, pois ele atua melhor entre os trabalhadores e as classes mais baixas que os sociais-democratas atualmente. Dessa forma, o SPD perdeu não só eleitores de inclinação ecológica para os Verdes e de orientação mais socialista para a esquerda; ele também perdeu mais recentemente uma parcela de seus eleitores de inclinação mais autoritária – sobretudo trabalhadores e empregados de classes mais baixas – para a AfD, os populistas de direita alemães.

O espaço político nesse sistema de partidos não é mais tão amplo para o SPD, bem diferente daquele com que estava habituado nos anos 1950, 60 e 70. Esta é uma das maiores ameaças: o Partido Social-Democrata pode não conseguir ampliar novamente seu espaço e alcance político. O dilema é que, por exemplo, quanto mais seguir para a esquerda – o que eu recomendaria – com respeito às políticas tributária, social e educacional, mais ele correrá o risco de perder eleitores para os democratas-cristãos. Mas a social-democracia na Alemanha e em outros países precisa redescobrir suas tradições progressistas em termos de justiça social, mesmo que isso implique algum risco.

Se os sociais-democratas avançarem muito para a esquerda, certamente perderão eleitores de centro, em que o CDU de Merkel, pelo menos a ala moderna que ela representa, está preparado para acolher todos os decepcionados de centro da nossa sociedade. Se o SPD não for ecológico o bastante, perderá eleitores para os Verdes. E caso se oriente muito para as políticas industriais clássicas, poderá até mesmo perder mais apoio das classes médias pós-industriais.

Sem dúvida, o partido se encontra em uma situação estratégica difícil. Minha breve re-

5. Partido Alternativa para a Alemanha, em sua sigla em alemão. [N. do T.]



comendação seria: no eixo esquerda-direita, ele deveria adquirir um perfil mais claro e esquerdista em termos redistributivistas. Mas há uma nova “rachadura cultural” surgindo na Europa. Nós denominamos isso um conflito entre cosmopolitas de classe média e as classes mais baixas, que aderem a valores nativistas ou comunitários. Aqui, o SPD precisa ser extremamente cauteloso para não transmitir muito cosmopolitismo, pois isso o faria perder o restante de sua base da classe trabalhadora. Isso é muito problemático e uma ameaça estratégica e ideológica real à social-democracia na Alemanha (e também na Áustria).

Deixe-me abordar um pouco mais o ponto que você acaba de mencionar, de que outros partidos social-democratas têm dificuldade de se conectar pelo menos com parte de seu eleitorado principal; que há aparentemente uma mudança em seu eleitorado principal: o que costumava ser um casamento mais harmonioso entre comunitaristas e cosmopolitas parece ser uma aliança muito frágil e está se desgastando nas extremidades.

A tarefa social-democrata deve ser liberar parcelas dos comunitaristas de suas inclinações nativistas e fortalecer as versões solidárias do comunitarismo. Isso pode ser feito recorrendo ao Estado-nação mesmo pelos sociais-democratas. Fronteiras abertas não são necessariamente progressistas. Os neoliberais são os maiores defensores das fronteiras abertas. Vou voltar a esse ponto mais tarde. Os cosmopolitas tendem a subestimar o valor de um forte Estado-nação comunitário e solidário. No entanto, o Estado-nação não pode mais se basear em uma nação etnicamente homogênea; ele deve fincar suas raízes em uma compreensão republicana do povo. Fazer isso sem contudo desistir do Estado-nação em favor do cosmopolitismo liberal é uma das tarefas da atual social-democracia.

Então, por que você acha, em primeiro lugar, que há uma trajetória de afastamento entre esses dois grupos, e por que a social-democracia está com dificuldade para se manter conectada a pelo menos um deles?

Uma parte da resposta é que esses grupos têm interesses econômicos e sociais diferentes. Outra é que eles confiam tradicionalmente em conjuntos distintos de valores e preferências culturais. Para me aprofundar um pouco mais, eu diria que as pessoas favoráveis a fronteiras abertas – simplifico o posicionamento cosmopolita – defendem a abertura de fronteiras para bens, serviços e capitais, mas especialmente também para refugiados e quem busca asilo, e aceitam renunciar a competências para transferi-las a um nível supranacional, por exemplo, a União Europeia.

Elas são as beneficiárias das fronteiras abertas. São provenientes dos estratos médios mais elevados. São bem educadas. Possuem o tipo de capital humano e cultural que lhes permite viver em Berlim, Zurique, Nova York ou Roma. Os comunitaristas vêm majoritariamente dos estratos mais baixos e são menos educados, e seu capital humano simplesmente não possui muita mobilidade. Eles dependem de contextos domésticos mais estreitos. Precisam confiar em vizinhanças que se comuniquem e apoiem. Eles, e não os cosmopolitas das classes sociais mais altas, deverão carregar grande parte do fardo se um país abrir amplamente suas fronteiras à migração.

Em certa medida, esse foi o caso da Alemanha em 2015 e 2016. Ficou claro que as classes trabalhadoras tradicionais não se beneficiariam com o fluxo descontrolado de refugiados e migrantes. As classes mais baixas competem na ponta inferior do mercado de trabalho ou habitacional, além do “mercado” educacional. Elas têm razões, razões econô-



micas racionais, para não quererem abrir tanto as fronteiras.

Por outro lado, a social-democracia também tem uma tradição internacionalista. Isso é uma herança ideológica que os partidos social-democratas não podem ou não deveriam abandonar tão rapidamente. No entanto, os cosmopolitas são propensos a votar nos Verdes e, agora, também no CDU de Merkel em certa medida. Pode ser uma ilusão pensar que os partidos social-democratas conquistarão muitos eleitores cosmopolitas por sua causa distributiva. Em questões cosmopolitas e ambientais, eles só podem ser uma cópia incompleta do verde original.

Portanto, meu conselho ao SPD seria: cuidado ao abrir exageradamente as fronteiras sem pensar nas consequências. Isso é algo que pensará muito mais sobre seu eleitorado tradicional do que sobre a sociedade como um todo. A cúpula do partido se esquece desse detalhe às vezes.

De alguma forma, é uma compreensão simplificada de justiça e humanidade acreditar que quanto mais abriremos as fronteiras, mais humanitários seremos. Toda a discussão apresentada por Paul Collier e outros aponta para uma direção diferente: governos progressistas devem ir aos países onde há pessoas vivendo em campos de refugiados e realmente trabalhar lá para melhorar as condições de vida. Eles devem fazer mais pelo bem-estar de milhões de pessoas do que as atrair a países europeus com promessas ilusórias. Isso não inclui aceitar quotas de imigrantes com critérios claros e o consentimento do povo, não somente das elites. Essas discussões estão totalmente ausentes no discurso social-democrata oficial.

É uma vergonha que um país rico como a Alemanha só comprometa 0,52% do PIB

(2017) com “ajuda ao desenvolvimento”. Os países escandinavos investem 1% de seu PIB nesse tipo de apoio. Os sociais-democratas deveriam pensar em seguir mais nessa direção do que abrir a fronteira apenas a uma pequena parcela daqueles que vivem em condições miseráveis.

O que você descreve é um ato de equilíbrio muito difícil para o SPD e também, provavelmente, para outros partidos social-democratas do mundo todo. Você vê algum modelo internacional a ser seguido, quero dizer, partidos que puderam atingir esse equilíbrio de forma razoável e dos quais outros partidos poderiam extrair lições?

Tenho sempre muito cuidado quando me perguntam se há um modelo a seguir. Os contextos são diferentes. As tradições são diferentes. Devemos sempre considerar isso. Sendo assim, eu não recomendaria – como outros – simplesmente olhar o sucesso (parcial) de Bernie Sanders nos Estados Unidos ou de Jeremy Corbyn no Reino Unido. Eles têm um apelo junto aos mais jovens que a maioria dos partidos social-democratas europeus não tem. Isso é verdade. A social-democracia tradicional pode aprender com as campanhas eleitorais que eles realizaram. Mas fazer campanha é bem diferente de governar sociedades complexas e abertas. Alguns sociais-democratas receberam bem o surgimento de Emmanuel Macron, mas não acho que o presidente Macron pode ser um exemplo ou modelo a ser seguido pelo SPD como alguns ativistas pró-União Europeia querem nos fazer acreditar. Se analisarmos mais detalhadamente suas políticas econômicas e sociais, o SPD deveria se distanciar bastante desse tipo de tradição política (neo)liberal. É possível cooperar com o Em Marcha de Macron em questões sobre integração europeia, mas certamente não seguir seu modelo socioeconômico. O modo



autoritário com que ele lidera seu partido-movimento Em Marcha pode ser descartado.

O que a social-democracia pode aprender com Sanders e Corbyn é autenticidade e credibilidade. Recuperar a credibilidade perdida é algo importante para os partidos social-democratas de todo o continente, especialmente entre os cidadãos mais jovens. Novamente, se você me perguntar qual partido se aproxima mais de um modelo a ser seguido, eu responderia que devemos olhar para a Escandinávia. Na Dinamarca, há um partido social-democrata que faz uma campanha firme contra a imigração, mas desenvolve a justiça social na sociedade dinamarquesa. A Suécia também continua sendo outra referência para a social-democracia.

Portanto, o exemplo deve ser um misto do caso dinamarquês, que é muito bem-sucedido nos mercados de trabalho, com a tradicional social-democracia sueca, em que certamente encontramos um composto mais equilibrado de valores cosmopolitas e comunitários social-democratas. Mas o equilíbrio deve ser muito bem sintonizado, e cada partido e país precisa encontrar o equilíbrio certo por conta própria. Isso também vale para o SPD.

Este é o décimo e último artigo de uma série que analisa pontos fortes, pontos fracos, oportunidades e ameaças sobre o futuro dos partidos social-democratas promovidos pela Social Europe e a Friedrich-Ebert-Stiftung.

<https://www.socialeurope.eu/spd-task-ahead-enacting-communitarian-cosmopolitan-values>



Autor

Wolfgang Merkel é professor de Pesquisa Comparativa em Ciências Políticas e Democracia da Universidade Humboldt de Berlim, colaborador da Sydney Democracy Network da Universidade de Sydney e diretor da unidade de pesquisa Democracia: estruturas, desempenho, desafios do Centro de Pesquisas em Ciências Sociais de Berlim (WZB).

Responsável

Friedrich-Ebert-Stiftung (FES) Brasil
Av. Paulista, 2001 - 13º andar, conj. 1313
01311-931 | São Paulo | SP | Brasil
www.fes.org.br

Friedrich-Ebert-Stiftung (FES)

A Fundação Friedrich Ebert é uma instituição alemã sem fins lucrativos, fundada em 1925. Leva o nome de Friedrich Ebert, primeiro presidente democraticamente eleito da Alemanha, e está comprometida com o ideário da Democracia Social. No Brasil a FES atua desde 1976. Os objetivos de sua atuação são a consolidação e o aprofundamento da democracia, o fomento de uma economia ambientalmente e socialmente sustentável, o fortalecimento de políticas orientadas na inclusão e justiça social e o apoio de políticas de paz e segurança democrática.

As opiniões expressas nesta publicação não necessariamente refletem as da Friedrich-Ebert-Stiftung.

O uso comercial de material publicado pela Friedrich-Ebert-Stiftung não é permitido sem a autorização por escrito.

ISBN 978-85-9565-032-9



9 788595 650329